XVI ENANCIB 2015
Informação, Memória e Patrimônio: do documento às redes
26 a 30 de outubro - João Pessoa - PB

XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – **ENANCIB 2015**
ISSN 2177-3688

GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação
Comunicação oral

INFORMAÇÃO, MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E MUSEU: REVISITANDO AS ARTICULAÇÕES ENTRE CAMPOS[1]

INFORMATION, MEMORY, HERITAGE AND MUSEUM: REVISITING THE INTERFACES BETWEEN FIELDS

Teresa Cristina Moletta Scheiner, UNIRIO
tacnet.cultural@uol.com.br

Resumo: Com as mudanças e contradições do ambiente contemporâneo, novos significados são atribuídos aos conceitos de homem (ou humano), cultura, natureza e conhecimento. A ressignificação de tais conceitos vem configurando, no amplo espectro que podemos identificar como "campo cultural", novas epistemes, novos campos disciplinares, novas instâncias do conhecimento. Entre esses novos âmbitos está a Museologia, que nas últimas quatro décadas vem-se estruturando como área de estudo, ou campo disciplinar autônomo que se fundamenta sobre os novos olhares e aproximações do campo cultural sobre a memória, o patrimônio, a informação e a comunicação. O artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre as relações entre a Museologia como âmbito disciplinar e âmbitos afins, pontuando a importância do estudo das interfaces disciplinares que com ela se estabelecem, as quais permitem identificar as sincronias e diacronias que desenvolve com os demais campos. A metodologia inclui o uso dos conceitos de rizoma e de rede neural, buscando encaminhar o pensamento do leitor para as novas interfaces da Museologia com os campos da Informação e da Comunicação - através das quais o Museu poderá ser apreendido em fluxo, em continuado processo. Para o Museu como instância relacional, a Comunicação. Para o Museu na nuvem, a Informação.

Palavras-chave: Museu. Museologia. Patrimônio. Memória. Informação.

Abstract: The contradictory and changing environment of contemporary times has derived in new meanings for the concepts of man (or humane), culture, nature and knowledge. The need to re-signify those concepts has been giving rise - in the wide spectrum identified as "cultural field" - to new epistemic approaches, new disciplinary fields and areas of knowledge. Museology is among such new areas. In the past four decades, it has been gaining shape and structure as a new sphere of study, or autonomous disciplinary field, founded on the new perceptions and approaches of the cultural field related to memory, heritage, information and communication. The paper approaches the relationships between Museology as a disciplinary sphere and related areas, emphasizing the relevance of the study of inter-disciplinary exchanges, which make possible to identify the synchronic and diachronic

[1] O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

movements developed between Museology and other fields. The methodology includes the use of the concepts of rhizome and neural network, helping the reader to understand the new interfaces between Museology and the fields of Information and Communication - through which the Museum can be apprehended in flux, in permanent process. The Museum as communicational instance is linked to Communication. The Museum "in the cloud", to Information.

Keywords: Museum. Museology. Heritage. Memory. Information.

1 INTRODUÇÃO

As mudanças e contradições do ambiente contemporâneo, influenciadas por e geradoras de novas percepções de mundo e novas formas de relação com o real, vêm resultando, entre outros indicadores, na atribuição de novos significados aos conceitos de homem (ou humano), cultura, natureza e conhecimento. A ressignificação de tais conceitos – e de muitos outros, que lhes são associados ou derivados – vem-se desdobrando de maneiras muito específicas, configurando, no amplo espectro que podemos identificar como "campo cultural", novas epistemes, novos campos disciplinares, novas instâncias do conhecimento.

Entre esses novos âmbitos está a Museologia, que nas ultimas quatro décadas vem-se estruturando como área de estudo, ou campo disciplinar autônomo que se fundamenta sobre os novos olhares e aproximações do campo cultural sobre a memória, o patrimônio, a informação e a comunicação. Resignificados, esses conceitos incorporam as ideias de memória social, territórios simbólicos, bens culturais tangíveis e intangíveis, informação em redes, informação na nuvem, patrimônio integral, patrimônio virtual/digital. E é neste contexto que a Museologia vem sendo pensada e atuada.

Cabe assim, aos profissionais da Museologia – e a outros que trabalham com cultura, patrimônio e museus – refletir de modo mais amplo e critico sobre os temas que configuram seu universo de trabalho, buscando atuar de forma convergente as novas teorias e a prática profissional.

Considerando o exposto, objetivamos desenvolver no presente texto algumas reflexões sobre as relações entre a Museologia como âmbito disciplinar e âmbitos afins, pontuando a importância do estudo das interfaces disciplinares que com ela se estabelecem, as quais permitem identificar as sincronias e diacronias que desenvolve com os demais campos. A metodologia inclui o uso dos conceitos de rizoma e de rede neural, buscando encaminhar o pensamento do leitor para as novas interfaces da Museologia com os campos da Informação e da Comunicação - através das quais o Museu poderá ser apreendido em fluxo, em continuado processo. Os estudos relativos ao tema se desenvolvem no âmbito do projeto de pesquisa

“Termos e Conceitos da Museologia”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, e o presente texto apresenta resultados parciais desses estudos nos últimos 18 meses.

Sabemos que a Museologia, como parte dos saberes configurados sob a episteme da modernidade tardia, se desenvolve na interface entre os demais saberes – os emergentes e os já estruturados -, possuindo portanto um substrato teórico que a aproxima da matriz interdisciplinar. Mas essa mesma trajetória tem identificado para a Museologia objetos de estudo específicos: o Museu (fenômeno) e a Musealidade (valor atribuído, resultante de relações perceptuais específicas do humano sobre o real)[2]; e também um conjunto de fundamentos que a identificam como saber autônomo: o real; a evidência; a linguagem; o signo; tempo e espaço; o homem integral; as diferentes “dobras” do real, também chamadas “realidades” (SCHEINER, 2014).

Uma terminologia própria – fundada em termos engendrados pelo próprio campo e por outros, a ele incorporados por sucessivos movimentos de fertilização interdisciplinar – substantiva e alimenta o desenvolvimento de métodos específicos da própria Museologia, dando-lhe os contornos necessários à estruturação de sua *Id* disciplinar.

Como em todo campo emergente do saber, é importante para a Museologia o estudo das interfaces disciplinares, que permitem identificar as sincronias e diacronias que estabelece com os demais campos, bem como o conhecimento desses processos de articulação. Este processo permite também estabelecer alguns de seus limites e fronteiras como campo, evitando equívocos de interpretação como os que permearam o discurso acadêmico entre os anos 1960 e 1990 – e que resultaram, entre outros sintomas, na crença de que a Museologia seria um âmbito da Antropologia, da História ou da Ciência da Informação.

A abordagem interdisciplinar, vista há algumas décadas como proposta para uma aproximação integral da realidade (perspectiva do Uno), em reação ao movimento de excessiva especialização dos saberes que naquele momento impregnava o campo epistêmico[3],

---

[2] Em artigo publicado na Revista Ciência da Informação, declaramos acreditar ser a Museologia um campo disciplinar específico, independente, de caráter científico-filosófico, tendo o Museu (fenômeno) e a Musealidade (valor) como objetos de estudo; um campo que opera por meio de uma metodologia específica (metodologia da Museologia), frequentemente fazendo interface com outros campos disciplinares, como veremos mais adiante; e que faz uso de uma terminologia própria para explicitar seus processos e questões (ver SCHEINER, 2014; 2011; 2009; 2008a,b; 2009; 2007a,b; 1991; 1989) - terminologia esta que hoje é exemplarmente analisada por especialistas de diferentes países. Ver SCHEINER, 2015.

[3] Os estudos brasileiros sobre o tema da interdisciplinaridade destacam a figura de Japiassu, que em 1976 já considerava o tema como inerente às ciências humanas, destacando as relações interdisciplinares como instâncias de diálogo entre campos, e como uma esfera que propicia "um fundamento para o surgimento de

hoje pode ser vista como o que verdadeiramente é: uma perspectiva perceptual sobre o Múltiplo. E a trajetória de configuração do campo museológico (também conhecido como "campo museal"), permitiu compreender que a verdadeira força desta abordagem é justamente reforçar as diferentes disciplinas e sua configuração. É ela que nos leva a compreender a importância do estudo das interfaces entre a Museologia e os demais saberes, para melhor conhecer o lugar de cada um nas relações que se estabelecem entre as sociedades, os patrimônios e este tão citado e tão pouco conhecido fenômeno que denominamos Museu.

Tal movimento permitirá desvelar o reconhecimento que fundamenta os olhares, narrativas e ações interdisciplinares, na sua relação com a Museologia: pois não é possível ser interdisciplinar se não se avança a partir de uma determinada disciplina. Os estudos emblemáticos de Pinheiro[4] sobre as relações inter e transdisciplinares tendo como foco a Ciência da Informação assim o comprovaram, resultando no desenvolvimento de uma interessante e conhecida estrutura combinatória em formato de mandala, com movimentos de irradiação e convergência que vão dos cruzamentos mais simples aos mais complexos.

O mesmo se poderia articular tendo como foco a Museologia e o Patrimônio[5], irradiando e convergindo conceitos e saberes desde e em direção a campos como os da Filosofia, da Memória e da Arte (ideia de Museu[6] como presentificação da experiência criativa do homem, como lugar de presença, que impede a noite do esquecimento; memória humana como museu primordial); da Biogeografia e da Antropologia física (patrimônio como instância de valoração das múltiplas relações entre o humano e o planeta; museu como representação do corpo do homem e dos territórios ocupados pelo humano, em seu processo

---

novas disciplinas", identificadas "por suas relações de interdependência e de conexões recíprocas" (JAPIASSU, 1976, p. 54). Em seu trabalho, o autor busca identificar denominações comuns para a constituição e funcionamento de diferentes disciplinas, afirmando que a pesquisa interdisciplinar estaria fundamentada nas interfaces entre disciplinas científicas com mecanismos comuns, "chamadas a ingressar num processo de interação ou de colaboração", ou mesmo "com métodos comuns a serem instaurados com relação às disciplinas cooperantes" (JAPIASSU, 1976: 44, *apud* PINHEIRO, s.d., p. 07). A interdisciplinaridade, adverte o autor (Ibid., 1976, p. 30), permite ultrapassar a dissociação entre teoria e "ação informada", postulando uma abordagem integrada e coordenada das ciências, sem deixar de responder às exigências da ação. Tais movimentos levariam obrigatoriamente ao estudo das relações multi(pluri)disciplinares e transdisciplinares, levando - como posteriormente afirmaria Mendonça (2008) - à produção de conhecimentos relativos a outra(s) disciplina(s), o que, pelo menos do ponto de vista teórico, poderia enfatizar os movimentos de cooperação entre as mesmas, através da constituição e utilização de uma linguagem comum entre campos.

[4] PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro, 1997, 1998, 1999, 2006, 2007, 2009. Sobre o tema, ver SANTOS JUNIOR, R. L. dos. A Abordagem Teórica de Lena Vania Ribeiro Pinheiro sobre os conceitos de Inter e Transdisciplinaridade. In: Revista **TransInformação.** Campinas, v. 23, n. 3, p. 227-234, 2011. Disponível em http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/467/447. Acessado em 14.08.2015.

[5] Esclarecemos aqui que, em nossa opinião, o campo da Museologia é o mesmo campo do Patrimônio, inexistindo a cisão entre campos.

[6] Mais uma vez, pontuamos aqui a distinção epistêmica entre o termo "Museu" – fenômeno, acontecimento – e o termo "museu" – representação do fenômeno. Ver Scheiner, 1998.

civilizatório); da Antropologia cultural, da Sociologia e dos Estudos Culturais (patrimônio como valoração dos processos e produtos da ação humana no planeta; museu como representação sociocultural); da História (patrimônio e museu como representações da relação entre o humano, o espaço, o tempo e a memória); da Ciência da Informação (patrimônio e museu como lugares de informação); da Comunicação (patrimônio como fluxo, museu como instância relacional); e assim por diante. Cada ponto de visada sobre Museologia / Patrimônio e os demais âmbitos disciplinares dependerá, naturalmente, dos lugares de pensamento onde se coloque cada individuo, ao pensar essas relações.

Na interface com a Museologia e o Patrimônio, cada fenômeno ou fato social poderá assim privilegiar vetores, manifestações e/ou registros específicos: se o ponto de visada é a Informação, ganham relevo o substrato informativo do fato e os modos e formas segundo os quais irá ser registrado e/ou documentado como objeto de museu; se é a Comunicação, importam a atuação plena do museu e do patrimônio como instâncias relacionais, a pluralização de narrativas para diferentes grupos sociais e os modos e formas através dos quais o fato ou fenômeno será comunicado; se é a História, a narrativa histórica que sobre o fato se constrói poderá ser "musealizada", ou seja, articulada sob a forma de narrativa "museológica", com ênfase na exposição; se é o campo da Antropologia, importam os objetos materiais que são testemunho e referência de uma "veracidade" desejada ou instituída. A cada visada que se agregue somar-se-ão os vetores, manifestações e/ou registros, chegando a um resultado caleidoscópico - ou à figura da mandala, a que já nos referimos.

Deve-se aqui ter em conta que tais movimentos e articulações não se dão nunca de forma linear, mas com os mais diferentes graus de intensidade. A mandala será, portanto, uma representação idealizada dessas relações – tornadas ainda mais complexas pelo fato de que a percepção contemporânea do real implica uma perceptualidade fluida das realidades, sempre relativa e sempre plural. O que verdadeiramente ocorre, na prática, são interfaces e cruzamentos simultâneos, em distintas direções e em distintas frequências e intensidades, tendo como centro não um ponto fixo, mas um espaço relacional em continuado e permanente deslocamento.

Como já o sabemos, é assim que se percebe hoje o conhecimento: em movimento continuado, concentrando-se em pontos ou nodos móveis, para em seguida dispersar-se em todas as direções. O modelo representacional que mais se assemelharia a esses processos é ainda o do rizoma, ou o da malha neural. Ambos podem representar de maneira inteligível esses processos articulados de interação.

Lembremos que o conceito de rizoma, conforme formulado por Deleuze e Guattari (2000), apresenta uma alternativa viável para expressar as multiplicidades, sem que se as pense em oposição à unidade – fugindo ao esquema binário Uno x Múltiplo e trazendo ao primeiro plano as singularidades. Ferreira (2008, p. 33-34) comenta que o rizoma se configura a partir de novas formas que se criam a todo instante, escapando a configurações prévias (ou esperadas) e expressando, desta maneira, os agenciamentos que se produzem no âmbito dos acontecimentos. Continuamente alimentado pelos movimentos de conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura e por cartografias simbólicas, o rizoma se desenha a partir de múltiplas entradas e pontos conectivos, "por contato ou contágio" atravessado por cadeias sígnicas de todos os tipos, unidas por todos os tipos de grandezas e determinações: "as multiplicidades se definem pelo que está fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou desterritorialização" (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 17-18). Mas para além das linhas de fuga e rupturas, o rizoma contém ainda árvores e raízes que se entrelaçam linear ou transversalmente, podendo mover-se sob a forma de sistemas hierarquizados, resultantes de momentos específicos de captura da realidade e de dispositivos específicos de fixação. As duas tendências não se opõem, na verdade são complementares: de uma árvore poderá brotar um rizoma, e de um rizoma, uma árvore (FERREIRA, 2008, p. 34).

Pensar as estruturas rizomáticas ou neurais nos faz compreender a complexidade que implica pensar, hoje, as identidades epistêmicas e os limites estruturais dos campos disciplinares. E mais complexa ainda se torna esta tarefa, quando pensamos a captura e reprodutibilidade dos fatos e registros do real por meio dos dispositivos que implicam a comunicação "na nuvem".

Eis porque a Museologia, estruturada a partir de uma questão inicial – ciência ou trabalho prático? – pensou-se inicialmente como campo disciplinar[7] de natureza científica, filosófica ou social, para em seguida reconhecer-se como saber híbrido, com limites quase indistintos ao que se desejou identificar como "patrimoniologia" (SOLA, 1982) ou "campo do patrimônio". Ao longo da última década, vem-se cada vez mais buscando pensar a Museologia seja como campo híbrido (Museologia e Patrimônio), seja como mais uma forma rizomática de saber, que se bem admite algumas hierarquias epistêmicas (identificação de raízes, ou fundamentos) ao mesmo tempo se desvela pelos constantes deslocamentos em direção a outros saberes.

[7] Ver a produção teórica sobre e da Museologia dos anos 1960 a 2000.

Neste contexto, reconhecer o *Id* da Museologia no âmbito das estruturas contemporâneas do conhecimento tornou-se, mais que uma tarefa, um desafio hermenêutico, que exige do pesquisador um constante deslocamento de saberes pelos mais diversos campos (ou âmbitos) disciplinares.

2 PERCEPÇÃO E CAPTURA DO REAL PELA MUSEOLOGIA: REDES, RIZOMAS E DECALQUES

Pensar o real como infinitude de virtualidades e de emergências nos faz questionar a ênfase classificatória que atravessa, desde a Modernidade, o campo da cultura e o trabalho com os patrimônios. Sabemos que parte importante do trabalho que se desenvolve nesses âmbitos é justamente ligado à organização de um conjunto de metodologias e práticas vinculadas aos processos de captura e recodificação simbólica de referências do real, identificadas e valoradas como "patrimônios". Esse trabalho habitualmente envolve metodologias de registro e classificação que reproduzem códigos hierárquicos organizados no âmbito de uma dada disciplina ou campo do saber – seja a própria Museologia ou um dos âmbitos que a episteme moderna reconheceu como "científicos".

Aqui, deve-se conhecer os aspectos aparentemente contraditórios dessas operações: por um lado, a institucionalização e musealização dos patrimônios envolve necessariamente dispositivos organizacionais; por outro, não é possível deixar de lado o fato de que cultura, patrimônio e museu se articulam como fluxos, em permanente movimento. Trabalhamos cotidianamente com este paradoxo.

Deleuze (2000) nos lembra que tudo o que se passa sobre o corpo de uma sociedade pode reduzir-se a uma questão de fluxos: uma pessoa é sempre um corte de fluxo, um ponto de chegada ou partida – um ponto de interseção entre fluxos. Os mecanismos de controle social seriam, assim,

> tentativas de codificação e territorialização de fluxos – pois o que toda sociedade teme não é o corte, mas a torrente; não o vazio, mas o excesso – algo que esteja fora de controle (...), que faça romper o que está na base de todos os códigos (SCHEINER, 2004, p. 231).

Mas, se por um lado é fundamental pensar o real em fluxo, não temos como esquecer que um dos movimentos centrais no âmbito da Museologia e do Patrimônio vai justamente no sentido da cristalização. As ações de captura e codificação que empreendemos teriam, assim, o valor e o significado daquilo que Deleuze e Guattari nomearam como "decalques".

Para Deleuze e Guattari (1999, p. 8), o rizoma "não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo": ele é estranho a qualquer ideia de eixo genético (unidade pivotante) ou de estrutura profunda ("sequência de base decomponível em constituintes imediatos"): o modelo de árvore ou raiz pivotante / fasciculada, engendrado a partir da lógica binária, representaria o principio do decalque – ou seja, tem como objeto um representante cristalizado em complexos codificados. A lógica da árvore "tem como finalidade a descrição de um estado de fato, o reequilíbrio de correlações intersubjetivas" existentes "nos recantos obscuros das memória e da linguagem" (DELEUZE; GUATTARI, 1999, p. 8). "Ela consiste em decalcar algo que se dá já feito, a partir de uma estrutura que sobrecodifica ou de um eixo que suporta. A árvore articula e hierarquiza os decalques, **os decalques são como folhas da árvore**" (Ibid., Loc.. Cit.)[8].

Esses decalques poderiam marcar pontos de destaque identificadores de sentidos, muito especiais para determinados segmentos do corpo social: aqueles que permitiriam atribuir a determinadas referências e/ou manifestações do real o valor de 'patrimônio'.

Torna-se assim difícil atuar como recomenda Ferreira (2008, p. 38): ao utilizar o rizoma como método para apreender o mundo que se produz como rede, deve-se evitar cair "no esquema transcendente da árvore", isto é, "no esquema classificatório e reducionista da hierarquização, [...] produzindo um decalque que será superestimado [...], uma estagnação", que muitas vezes se traduz sob a forma de pré-conceitos e discursos de autoridade.

A utilidade do decalque, aponta Ferreira, seria justamente "a de ser colocado sobre o mapa [rizomático], para que possamos avaliar que movimentos de expansão e de contenção foram criados". Sem tal parâmetro, ao invés de rizomas estaríamos produzindo grades "que aprisionam as multiplicidades, e clausuras capazes de obstruir novos agenciamentos" (FERREIRA, 2008, p. 34). Desenhar os mapas informacionais que definem os procedimentos museográficos – especialmente aqueles relativos às ações de documentação em museus (e para museus) implica, portanto, em não privilegiar

> nenhuma entrada, nenhuma saída, pois todos os dispositivos são válidos e influem na composição dos territórios (...). Além disso, deve-se considerar que o decalque é apenas um momento do mapa que já nasce obsoleto, servindo não como modelo, mas como a referencia que temos do momento estudado (FERREIRA, 2008, p. 38).

Embora os movimentos de captura e codificação, tão próprios da prática museológica, pareçam desenvolver-se em contradição com as tendências contemporâneas, é preciso ter em

[8] Grifo nosso.

conta que hoje tais movimentos podem (e devem ser) operados sob a forma de redes informacionais, ou quadros rizomáticos de registros e/ou procedimentos.

Mas não é só na prática que a Museologia pode e deve aproximar-se da vivência do rizoma e dos fluxos, mas também na teoria: atuar em rede (ou rizoma) permite pensar de modo inovador a proximidade entre consciência, corpo e memória – estabelecendo novas relações com o tempo, o espaço e a matéria. Pode-se assim perceber de modo mais claro a Museologia como instância de captura do real e identificar as múltiplas relações entre Museologia e os demais saberes, buscando situá-la de modo mais pleno entre as diferentes categorias de pensamento.

Boldanski (apud VAZ, 2000) já lembrava que o conceito de rede originou-se na Antropologia, com o estudo de pequenos grupos – indivíduos conectados por fluxos orientados de informação. O trabalho em rede ensina a apreender o mundo como estrutura rizomática, e a conviver com a instabilidade, a rapidez e a mudança, tão característicos da cultura contemporânea; e também a identificar caminhos possíveis no caos das coisas – itinerários preferenciais que configurem trajetórias direcionadas para a busca, o encontro, a conexão, o acontecimento. O modelo de rede permite ainda fazer a crítica a tudo o que seja ponto fixo, questionando a crença na estabilidade (SCHEINER, 2004, p. 233).

Deve-se também considerar que nem todo saber se articula sob a forma de uma disciplina acadêmica, ou seja, sob paradigmas científicos criados e implementados pelas sociedades do Ocidente, em sua jornada civilizatória. Há saberes populares que traduzem o conhecimento milenar da Tradição; saberes emergentes, que medram a partir das novas articulações simbólicas do presente; saberes intuitivos, gerados pelas relações perceptuais integradas do corpo e da mente. E como as novas tecnologias permitem, hoje, acessar tais processos de modo igualmente deslocado, continuado e plural, entrecruzando simultaneamente as representações dos mais variados grupos, o que ocorre efetivamente é que as interfaces entre os diferentes saberes poderiam articular-se de modo tal que se assemelhassem a uma "rede de redes", a uma incomensurável malha relacional – ou nuvem de conhecimentos.

Permanece aqui o clássico paradoxo: as relações do humano com o real se dão sob a forma de rede neural, ou malha relacional, sem outros pontos de convergência e irradiação que não os nodos, esses também continuamente deslocados; mas em alguns casos caberia empreender certos movimentos de captura – como os que desenvolve a Academia - para

poder aproximar-se, com fins de estudo, de determinadas dobras e poder examiná-las pelo avesso, na sua estrutura e fundamentos.

A teoria da Museologia nos permite acreditar que o Museu é fenômeno que se desvela em fluxo, em continuada e permanente mutação – assumindo diferentes formas representacionais em sintonia (ou ruptura) com os diferentes sistemas de pensamento, no tempo e no espaço, e dando origem a modelos simbólicos plurais. Seu fundamento e substrato ôntico seriam, portanto, da ordem do movimento e da imaterialidade. Mas no âmbito pragmático certas manifestações do fenômeno Museu se articulam fundadas na materialidade. Cabe aos teóricos da Museologia examinar os graus e medidas dessa tensão, trabalhando simultaneamente o âmbito museal como rede neural e como decalque, buscando identificar os pontos de convergência que se colocarão, como unidades documentais, sobre a malha rizomática em constante deslocamento.

Se o Museu se realiza em processo, como instância relacional, a prática museológica admite a captura, para fins de estudo, dos processos e produtos musealizáveis e musealizados. Eis o que caracteriza, em essência, a interface entre a Museologia, a Comunicação e a Ciência da Informação.

3 INTERFACES DISCIPLINARES: ALGUMA TEORIA, ALGUMA PRÁTICA

3.1 Corpo e Mente: museus e patrimônios na sua relação com o corpo social

Desde o início do século 20, a percepção ampliada da relação entre individuo e real, oferecida pela Psicologia, nos ensinou que todo indivíduo reage de forma holista à experiência, e que a nossa apreensão do real ocorre sob a forma de padrões. Temos uma percepção integrada de fatos e fenômenos, seja internos (do corpo e da psique), seja externos (ao corpo e à psique). Qualquer perturbação da consciência diminui nossa capacidade de resposta holista, caracterizada por uma “Gestalt” específica, reconhecível em todos os grupos sociais. Isso nos leva a compreender que nossos sentidos e nossa consciência percebem o real como um todo integrado, e não como a soma de partes (SCHEINER, 2000). Esta visão de mundo foi sempre a predominante entre as sociedades da Tradição e mesmo entre as culturas asiáticas, que não fizeram a cisão epistêmica entre *logos* e *physis*, e assim desenvolveram uma visão de mundo vinculada aos conceitos de unicidade, continuidade, transformação e adaptação. Segundo esse construto, o universo é percebido numa perspectiva cosmogônica ou biocêntrica, onde o humano não é mais do que uma forma particular de relação entre energia e

matéria; ou como um elemento a mais, no incomensurável complexo de fenômenos do cosmo ou do sistema biótico do planeta Terra.

Recuperada no início do século 20 - com as teorias da relatividade, as teorias ecológicas; com o construto filosófico que percebe o homem na plenitude de si mesmo (fazendo a síntese entre *logos* e *physis*); e ainda, enfatizada por meio do advento das metodologias de educação ambiental, a percepção holista do real permitiu alinhar o pensamento às experiências da Gestalt – tornando possível à sociedade ocidental abrir-se em direção às demais culturas de modo menos autocentrado e maniqueísta. Fez-se a crítica às crenças na hegemonia da espécie humana e questionou-se os códigos de conduta das sociedades ocidentais, centradas sobre a razão, buscando-se aceitar como legítimas as visões de mundo dos diferentes grupos culturais. Uma nova perspectiva ética, influenciada pelas teorias marxistas, passou a admitir a diferença como traço fundamental da sociedade humana – e a advogar direitos similares para todos os grupos sociais.

No âmbito da Museologia, essa lógica permitiu que se apreendesse o Museu já não mais "como estrutura apolínea, onde o Racional (ideia) e o Real (mundo) se articulam sob processos dialéticos, mas como fenômeno: plural, inesperado, contraditório" (SCHEINER, 2000). A nova percepção de Museu permitiu, por sua vez, pensar sociedade, cultura e patrimônio de forma integrada; e relativizar o modo como são percebidas e traduzidas, no âmbito do Museu, as interações entre memória, cultura, patrimônio e o corpo social.

Essa nova forma de pensar Patrimônio e Museu teve ressonâncias na agenda política contemporânea – e influenciou o desenvolvimento de um conjunto de narrativas segundo as quais "a relação entre o humano e o patrimônio se inicia pela preocupação com a própria vida, considerada sob todas as formas: vida vegetal, vida animal, vida humana" (SCHEINER, 2000). Uma nova escala de valores éticos passou a priorizar a qualidade de vida de qualquer grupo social, sob o pressuposto de que os modelos de mundo e os valores dos diferentes grupos sociais se equivalem politicamente.

Hoje se busca identificar como as diferentes sociedades desenvolvem suas representações; e compreender como tais representações contribuem para a significação e o desenho das agendas econômicas, políticas e culturais de cada grupo social. Fala-se de uma "ética museológica", que implicaria na gestão compartilhada dos patrimônios por parte de todos os grupos sociais; uma ética voltada para a ideia de que direitos compartilhados resultam em responsabilidades comuns. Nesta dimensão específica articulam-se Museologia, Filosofia, Ciência Política, Direito e Administração, convergindo os movimentos de

identificação das instâncias de responsabilidade que cabem a cada um desses campos. Concorrem ainda para esses processos os estudos antropológicos[9], sociológicos e ambientais. Todos esses campos se ocupam, de certa forma, em estudar as relações entre museus e o que se convencionou chamar de "patrimônio integral" – o conjunto de manifestações/registros, tangíveis/intangíveis, do planeta Terra, reconhecidos pelos diferentes grupos sociais como "patrimônio". E cada um deles o fará de maneira específica, a partir de um olhar disciplinar, contribuindo, com sua episteme particularíssima, para fertilizar o âmbito da Museologia e do Patrimônio.

3.2 PATRIMONIALIZAR, MUSEALIZAR: PROCESSOS INTEGRADOS DE CAPTURA DO REAL

O advento do conceito pluralista de Museu e de Patrimônio – hoje apreendidos, ambos, como múltiplos de múltiplos, ou conjuntos de totalidades – tornou necessário redimensionar os papéis e responsabilidades dos museus e dos profissionais que a eles se dedicam; e gerou a necessidade de repensar as articulações entre as sociedades, o que elas identificam e valorizam como patrimônio e o conceito de desenvolvimento. Articulam-se aqui os campos da Economia, dos Estudos Sociais, da Geografia Humana e da Política, e ainda o âmbito da Diplomacia – na tentativa de analisar como os museus articulam as relações entre os processos culturais e seus produtos – o que o campo dito "da cultura" convencionou chamar de "bens culturais". Nesse contexto, cabe ressaltar a importância das disciplinas técnicas que aportam metodologias de trabalho essenciais ao trato dos bens culturais, permitindo a captura organizada de registros (ou manifestações) do real, para efeitos de patrimonialização e musealização. Para tal contribuem necessariamente os campos da Informação e da Conservação, oferecendo subsídios para que sejam documentadas e preservadas as referencias tangíveis e intangíveis que se deseje patrimonializar.

O processo de musealização implica ainda investigar que significados têm as referencias que se musealizam, nos distintos âmbitos do conhecimento: Filosofia, História, Ciência e Arte. Articulam-se aqui os conhecimentos específicos de um ou mais desses campos, visto que praticamente todo grupo de referencias culturais é submetido aos aportes conjuntos de pelo menos dois desses âmbitos, ao longo dos processos de patrimonialização e musealização. Teremos assim, no viés da cultura material, as coleções - conjuntos articulados de objetos móveis, reconhecidos sob um ou mais critérios de classificação, emprestados pelos campos que as qualificam: Paleontologia, Botânica, Zoologia, Ciências Matemáticas,

[9] Hoje mais conhecidos como Estudos Culturais.

Engenharias, Artes Contemporâneas, entre tantos outros. No caso da cultura não-material, a contribuição desses saberes permanece, aliada a conhecimentos advindos da História, da Sociologia, das Artes Plásticas e Cênicas, da Crítica da Arte ou da Psicologia da Cultura.

Cabe lembrar que tais processos não são novos, e que integram as metodologias tradicionais de trabalho para a formação e o trato de coleções. Nova é a percepção de que, na esfera patrimonial, há uma instância (ou âmbito) de encontro de todos esses saberes - e essa instância, nós a conhecemos como Museologia.

Essas novas abordagens criaram uma nova demanda: profissionais qualificados para o trato da cultura, do patrimônio e dos museus, desde uma perspectiva contemporânea. Isto significa que o campo da Educação deve estar intrinsecamente aliado ao âmbito da Museologia, não apenas para aportar insumos relativos às práticas com os públicos jovens nos museus, mas para aportar os fundamentos teóricos e epistemológicos vinculados ao conhecimento da cultura, do patrimônio e dos museus. Este tem sido o papel da Teoria da Museologia e da Teoria do Patrimônio. No que tange aos fundamentos epistêmicos, cabe mencionar a importância da História, da Antropologia e das demais Ciências Humanas - que igualmente contribuirão para aprofundar as análises críticas das diferentes instâncias do real, nos diversos tempos e espaços.

3.3 AS NARRATIVAS DO PATRIMÔNIO E A PRÁTICA DA CONVERGÊNCIA

Profissionais qualificados para o estudo e as práticas no âmbito da Museologia e/ou atuando em campos afins, mas em interface com a Museologia, deverão estar preparados para atuar em prol do empoderamento dos museus e dos grupos sociais aos quais se dirigem, cuidando para que os museus façam uso pleno de sua força e potencial como agências de comunicação e transformação social. Neste sentido, lembramos que os discursos engendrados pelos profissionais de museus - e incorporados ao campo, especialmente após 1972 (com a Carta de Santiago) e 1979 (com o início dos debates teóricos promovidos pelo ICOFOM), nem sempre resultaram em ações correspondentes[10].

[10] Lembremos que as políticas de desenvolvimento sustentável, que vêm influenciando a teoria e a prática no âmbito do Museu desde, pelo menos, os anos 1960, trazem consigo o compromisso com a redução de barreiras sociais - algo não muito fácil de realizar-se, se considerarmos que a prática museológica se encontra ainda fortemente vinculada ao modelo tradicional de Museu. Eis porque, ao contrário do que se imagina em alguns países e/ou foros acadêmicos, os museus ocupam ainda um lugar de pouca relevância na arena dos interesses públicos, no que tange aos temas mencionados. A dificuldade do campo museal em atuar os temas ambientais e o conceito de desenvolvimento já era criticada por Davallon em 1992; e de certa forma ainda permanece, malgrado os esforços realizados pelas agências internacionais e nacionais para incorporar, ao texto das Cartas e Declarações desde então elaboradas, o compromisso com a integração entre museus, meio ambiente e desenvolvimento. Pouco habituados às articulações conceituais da Museologia, muitos profissionais de museus

Torna-se então essencial que a Museologia possa estabelecer uma interface permanente com o campo da Comunicação, que é exatamente o âmbito reflexivo onde se irá apreender o Museu como instancia relacional, plena de sentidos. É no campo da Comunicação que a Museologia se fundamentará para explicar ao mundo que o verdadeiro Museu - o Museu arquetípico (arquiconceito) - está na relação, em fluxo continuado, em constante deslocamento; e que as referências musealizadas da cultura material deverão ser apreendidas, hoje, não como decalque, mas como nodos de rede, fragmentos mutantes e mutáveis cuja existência e localização dependerá menos de sua própria existência e mais da conjuntura em que estejam inseridos.

Já não se trata aqui de interdisciplinaridade, mas de complementaridade e convergência: é o campo da Comunicação que se encarregará de reatualizar continuamente as narrativas dos museus e sobre os museus, incorporando as ideias e conceitos dos demais saberes e fazeres com os quais a Museologia faz interface. Museologia e Comunicação são portanto âmbitos complementares, que se retroalimentam.

Quanto à Ciência da Informação, irá ocupar-se do Museu como instância informacional em processo, buscando aliar os novos dispositivos semânticos e as novas tecnologias informacionais ao âmbito museal, para fazer a passagem da instância rizomática (ou neural) para a esfera da nuvem. Museu e Patrimônio estarão assim em plena imaterialidade, passando a existir por meio da informação. Os novos conceitos para a Museologia serão agora convergência, compartilhamento, interligação - fundamentados no movimento e no deslocamento continuado: o Museu pode ser acessível a qualquer indivíduo, em qualquer lugar do planeta. Já não há mais público - há usuários do sistema; e essa realidade permite que cada indivíduo possa criar, manter e/ou alimentar seu próprio museu (como já o vêm provando experiências como a do Museu da Pessoa - SP, Brasil; ou do Museu Temporário da Mudança Permanente, Salt Lake City, Utah, EUA[11]).

Eis porque é tão importante, hoje, o estudo de museus instituídos na sua função de *gateways*, portais informacionais que atuem como instâncias de mediação entre a "grande nuvem" e os grupos sociais, na cotidianidade. Aqui, a memória reside simultaneamente no processo relacional e na informação gerada pelo (ou geradora do) processo; e o profissional

---

não dominam as metodologias de trabalho que poderiam levar ao desenho e implementação de programas de ação que incorporem a perspectiva integrada do trabalho com essas questões. Mais centrados nas necessidades e anseios imediatistas de grupos locais, confundem ação museológica com ação ideológica, deixando em segundo plano sua missão como agentes do desenvolvimento humano.

[11] Alguns trabalhos realizados no PPG-PMUS desde 2007 vêm utilizando esses dois museus como referência. Ver MAGALDI, M. B. , SCHEINER, T. C. M., 2010; SCHEINER, T. C. M. 2007.

de museus pode atuar como *gatekeeper* - aquele que faz a síntese contemporânea entre Informação e Comunicação.

Estudos sobre museus como *gateways* (portais) vêm-se desenvolvendo desde 2014 no PPG-PMUS, no âmbito do projeto de pesquisa Termos e Conceitos da Museologia. Coordenados pela autora e implementados por bolsista DS-CAPES, modalidade Mestrado[12], cuja pesquisa-dissertação trata exatamente deste tema, tais estudos vêm confirmando a necessidade de pensar os museus instituídos na relação entre a informação e os grupos sociais. Temos aqui, nitidamente, os três âmbitos: a Informação, a Museologia e a Comunicação. Entre os resultados parciais da pesquisa, já qualificada, destaca-se a relevância do processo relacional, que é exatamente o âmbito em que se dá a comunicação – e que permite fluir a informação: "O indivíduo globalizado se projeta no mundo virtual, estabelecendo um protocolo relacional com as redes híbridas; ele está aqui e em qualquer lugar, basta conectar-se" (VIANA, 2015, p. 2). Como instância essencialmente relacional (SCHEINER, 1998), o Museu pode aqui desvelar-se na plenitude de sua potência: mesmo sob a forma instituída, museus podem (e devem) atuar como "conectores sociais", ou "agentes de conectividade" (VIANA, 2015, p. 3, apud CASTELLS, 2001) – identificando fronteiras disciplinares, informacionais, comunicacionais e comportamentais, religando "campos, saberes e áreas de atuação, buscando definir, nesta grande malha relacional, pontos de destaque que são (ou poderão ser) atuados pelas narrativas e práticas museológicas" (VIANA, 2015, p. 6).

Finalmente, deve-se mencionar o campo da Educação - que, aliado à Informação e à Comunicação, poderá impulsionar a Museologia e os museus para uma ação verdadeiramente transformadora dos indivíduos e das sociedades, revelando novos espaços de reflexão e de criatividade, em todas as dimensões nas quais se desvela o fenômeno Museu. Aqui, o ponto de convergência poderá ser o que Educação e Museologia possuem de mais nobre: seus fundamentos éticos e humanos. Ambas se dirigem ao homem, ao indivíduo na plenitude de sua potência: homem integral. E ambas defendem, na essência, a liberdade de relações entre o humano e seus mundos. O âmbito de afinidades entre Educação e Museologia deverá ser definido não apenas pela prática, mas pelos princípios filosóficos e epistemológicos. Apenas assim será possível apontar para uma ação integrada que não se esgote pela prática, ou que faça uso das práticas educativas para legitimar discursos ideologizados. Um dos caminhos

[12] Mestranda Karina Muniz Viana, bolsista DS-CAPES. Turma de 2014 do Mestrado em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS. Título [provisório] da Dissertação: O Fenômeno *Gatekeeper:* Filtrando práticas para uma Museologia de conectividade híbrida na sociedade global. Pesquisa qualificada para defesa.

possíveis é apostar na capacidade que têm, tanto a Museologia como a Educação, de abrir as portas da percepção dos indivíduos para uma leitura crítica do mundo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o Museu é, em essência, uma instância relacional, uma esfera de atuação do humano que se constitui "no momento mesmo da relação" (SCHEINER, 1998) - ele se alimentará, sempre, da presença do individuo. Onde o individuo não estiver presente (ainda que virtualmente), não haverá Museu. Mesmo para aqueles que apenas desejam ver sua face instituída, o Museu se apresenta como um campo aberto de possibilidades, um espaço para a criação, a imaginação, a participação - um espaço de descoberta do Outro (o outro do Outro, o Outro em nós), como queria Paulo Freire.

Reiteramos aqui a crença de que os enlaces interdisciplinares podem ajudar os museus a realizar uma interpretação mais realista e positiva do real - sem distorcer narrativas e olhares, e sempre incorporando a poética das coisas. Neste sentido, a instância que apresentaríamos para mediar a interface interdisciplinar seria a Poesia (poética), que torna mais humanas todas as relações e nos permite ver o mundo como espaço de afecção. O museu que não está impregnado de afetos não pode ser Museu, não será capaz de implementar ou permitir narrativas que permitam o que verdadeiramente nos liga ao nosso lado humano: o encantamento com as gentes e as coisas do mundo. Eis o Museu que desejamos: poderosa instancia relacional, onde todas as disciplinas, todos os saberes podem articular-se para tornar possível que cada um de nós possa ver-se a si mesmo e às coisas do mundo sob uma nova e brilhante luz.

REFERENCIAS

DELEUZE, G; GUATTARI, F. Introdução: Rizoma. **Mil Platôs** (Capitalismo e Esquizofrenia). Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995.

FERREIRA, F. T. Rizoma: um método para as redes? **Liinc em Revista.** Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 28-40, mar. 2008. Disponível em: <http://www. ibict.br./liinc>. Acesso em: maio 2015.

MAGALDI, M. B. ; SCHEINER, T. C. M. Reflexões sobre o Museu Virtual. In: ENANCIB, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...**. Rio de Janeiro: ANCIB, 2010.

PINHEIRO, L. V. R.. Campo Interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. Pdf. Disponível em: <http://discoverynbo.com.br/wp-content/uploads/2012/08/RIBEIRO-PINHEIRO>. Acesso em: maio 2015

SANTOS JUNIOR, R. L. dos. A abordagem teórica de Lena Vania Ribeiro Pinheiro sobre os conceitos de inter e Ttansdisciplinaridade. **TransInformacão.** Campinas, v. 23, n. 3, p. 227-234, 2011. Disponível em http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/467/447. Acesso em: 14 ago. 2015.

SCHEINER, T. **Apolo e Dioniso no Templo das Musas**. Museu: gênese, ideia e representações nos sistemas de pensamento da sociedade ocidental. 1998, 152 f. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1998. 152 p.

SCHEINER, T. As bases ontológicas do Museu e da Museologia / The Ontological Bases of the Museum and of Museology. In: XXI Annual Conference of the International Committee for Museology - ICOFOM/ International Council of Museums (ICOM), 1999, Coro, Venezuela. **Museology and Philosophy**. **ICOFOM STUDY SERIES**. Munique: Museums Pädagogisches Zentrüm München, v. 31. p. 126-173. 1999.

SCHEINER, T. C. M. Museología, identidades, desarrollo sustentable: estrategias discursivas. **Gaceta de Museos.** México, INAH, v. 19, p. 109-127, 2000.

SCHEINER, Tereza. **Imagens do Não-lugar:** comunicação e os "novos patrimônios". 2004, 256 f. Tese (Doutorado)-Programa de Pós-Graduação em Comunicação. RJ: ECO/UFRJ, 2004. 256 p.

SCHEINER, Teresa. Museu, Museologia e a "Relação Específica": considerações sobre os fundamentos teóricos do campo museal. **Revista Ciência da Informação**, IBICT, Rio de Janeiro, v. 43 n. 03, p. 25-32, 2015.

SCHEINER, T. C. M. . Políticas e Diretrizes dos Museus e da Museologia na Atualidade. In: BITTENCOURT, José Neves; GRANATO, Marcus; BENCHETRIT, Sarah Fassa. (Orgs.). **Museus, Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, v. s/n, p. 31-48, 2007.

SOLA, Tomislav. What is Museology? In: AGREN, Per-Uno (coord.). **Papers In Museology 1**. Report from two symposia at the Department of Museology. Acta Universitatis Umensis. Umea Studies in the Humanities. Stockholm, Umea University, 108, p. 10-19. 1992.

SOLA, Tomislav. A contribution to a possible definition of Museology // Godišnja konferencija i simpozij komiteta za Muzeologiju. ICOFOM/ICOM: SYSTEMATICS AND METHODOLOGY OF MUSEOLOGY. Paris, 1982.

VAZ, Paulo. Aula. Doutorado em Comunicação e Cultura. ECO/UFRJ, 2000/2.